

## SIMÕES DIAS

### O poeta das «Peninsulares»

por A. L. M.

Apesar de não ser da Benfeita, nem tão-pouco conhecer aquela aldeia, na minha incondicional admiração por poetas e homens de letras, e até porque Simões Dias não foi um poeta da Benfeita, mas sim um poeta da Península, não quis deixar passar esta oportunidade sem procurar tudo que me foi possível sobre o poeta das «Peninsulares» e, assim, tornar o seu nome um pouco mais conhecido dos seus conterrâneos.

José Simões Dias nasceu na Benfeita, a 5 de Fevereiro de 1844. Ali viveu até à idade dos dez anos, idade com que terminou os estudos primários. O seu mestre, um padre seu parente, logo lhe notou uma forte inteligência e começou por lhe vaticinar um largo futuro nas letras.

Assim, em 1854, segundo vontade da família e influência do mestre, o pequeno José deixou a sua aldeia e partiu para Pedrógão Grande, onde foi estudar latim na companhia de seu tio, o reverendo Albino Simões Dias Cardoso, que era pároco naquela localidade.

O que fora a despedida de um garoto de dez anos, da aldeia onde sempre tivera vivido, podemos todos nós, a quem já o mesmo aconteceu, trazendo como companheiros um mundo cheio de sonhos e de ilusões a saltitar no espírito, avaliar condignamente. As lágrimas que chorou ao despedir-se dos vizinhos e da família, e a amorável protecção que recebera do tio em Pedrógão, jamais lhe haviam de esquecer pela vida fora.

Por ali estudou durante três anos, após os quais voltou à Benfeita, onde pouco tempo se havia de demorar. Aquilo que já aprendera e alguns romancesinhos que tivesse lido, influenciaram-lhe o gosto pelas letras.

A fim de continuar com os seus estudos partiu para Coimbra, onde se recolheu em casa de outro parente, igualmente padre. Realizados os preparatórios necessários à matrícula, fez exames em 1857 e 58. Como lhe faltasse a idade, e cedendo à vontade que lhe impunham os seus parentes

em fazer dele padre, inscreveu-se no Seminário no curso de teologia. Depois de três anos, com dezassete de idade, completou brilhantemente os estudos do Seminário e, como lhe continuasse a faltar a idade, matriculou-se nos estudos universitários, tão do seu agrado.

Aqui ia começar uma nova vida para o moço estudante. A reacção dos parentes, que queriam por força fazer dele um clérigo, foi enorme. Daí advieram desavenças, a ponto de ele ter que proclamar a sua «independência».

Simões Dias, tal como o grande Mestre do Romantismo — Almeida Garrett — a quem igualmente os tios padres queriam fazer sacerdote, nascera poeta por vocação. Queriam cantar o amor e as belezas da natureza, e como tal, não se podiam deixar submeter às leis do sacerdócio.

A poesia é uma arte superior que fala do espírito e revela os segredos da alma.

A aversão que ele devia ter ao ensino que lhe ministraram no Seminário e à situação em que ficou nessa altura, pinta-a ele no conto «João Ninguém», do seu livro «Figuras de Cera», que antes fora publicado com o título de «Doutor Esfinge» nos «Contos em Prosa», que é ao mesmo tempo uma autobiografia sua.

As dificuldades por que então passou foram enormes, mas a reputação que havia conquistado tinha que ser mantida.

Para manter a sua independência, dedicar-se aos seus estudos e, até mais tarde, ajudar a encaminhar os seus dois irmãos, deu todas as lições que lhe foram possíveis.

Os seus primeiros versos apareceram ainda nos verdes anos da sua infância. Conta o Dr. Jacinto Nunes, que tendo convivido muito com Simões Dias, em Pedrógão Grande e em Coimbra, mostrara-lhe um dia uns versos seus. Aquele não se manifestou, mas poucos dias depois correu a mostrar-lhe uns versos que escrevera que, sendo bastante originais, eram um tanto incorrectos quanto à forma. O Dr. Jacinto Nunes deu-lhe então o «Tratado de Metrificação» do grande Mestre Castilho, aconselhou-o a estudar nos escritos de Garrett e de outros poetas em voga, e pouco tempo depois os versos de Simões Dias apareceram espontâneos, correctos e cheios de beleza.

Começou logo daí a sua colaboração em todos os jornais literários de Coimbra, em que cooperaram os maiores valores da Literatura portuguesa do século XIX, que constituíram ali a célebre «Geração de 1870», que havia de introduzir em Portugal a grande corrente literária do Realismo.

No «Tira-Teimas», «Hinos e Flores», «Fósforo», «Harpa», «Prelúdios Literários», «O Povo», «País», «Átila», «Academia», «Crisálida» e

na «Folha», fundada por João Penha, em que colaboraram Gonçalves Crespo e Guerra Junqueiro, todos ficaram com escritos seus.

Simões Dias era um estudante que tinha de trabalhar para viver e por isso evitava as noitadas e boémias, tão ao gosto da época. Até altas horas da noite estudava e escrevia no seu quarto, fumando o seu cigarro barato — o inseparável companheiro do pobre, como ele lhe chamava.

E assim, em 1863, com dezanove anos de idade, publicou em Coimbra a sua primeira colecção de poesias líricas — «O Mundo Interior» — e, um ano depois, o poemeto «Sol à Sombra». Em 1867 o interesse criado à volta de «O Mundo Interior» obrigou-o a uma nova edição e, no ano seguinte, publicou um livro de contos intitulado «Coroa de Amores», que havia de vir a ter 3.<sup>a</sup> edição, com o título de «Figuras de Gesso».

O seu talento estava à vista. «O Mundo Interior» conquistara-lhe largos elogios da crítica e a amizade dos grandes literatos seus contemporâneos.

Gomes Leal, ao ler os primeiros versos de Simões Dias, mandou-lhe o seu retrato, com esta significativa dedicatória:

— «A uma primavera, que se inflora com o nome de Simões Dias, um estio, que declina com o nome de Gomes Leal.»

O desditoso poeta das «Claridades do Sul», o janota impecável, de camélia ao peito, o adulator das mulheres e das flores, que havia de morrer na quase-demência, depois de deambular pela Avenida, onde dormia e era vaiado pelo rapazio, já nessa altura se sentia «declinar».

Ainda a propósito do seu «Mundo Interior», João Penha escrevia:

— «Tu serás um dos poucos que ficam.»

— «As suas poesias têm o condão de reviver em todas as Primaveras» — dizia Ramalho Ortigão.

— «Simões Dias é um dos maiores poetas de toda a literatura portuguesa. Dante assinaria os seus tercetos» — escrevia Trindade Coelho.

— «Graças a Deus que ainda há nesta terra alma, talento e português» — acrescentava Bulhão Pato.

Camilo, Castilho e Pinheiro Chagas admiravam-no e aplaudiam-no, chamando-lhe este último «o primeiro guitarrista peninsular!»

Em 1868 concluiu a sua formatura com elevadas classificações e apesar de ser instantemente solicitado pelos seus professores para que se doutorasse ou fizesse parte do corpo docente da Universidade, Simões Dias, preferindo a sua liberdade e abreviar o seu casamento com aquela que fora a sua encantada musa, concorreu a uma vaga como professor, na cidade de Elvas.

Filha de uma conhecida lojista de Coimbra, onde se costumava reunir grande número de estudantes, e onde ele teria iniciado os seus amores, a apaixonada de Simões Dias foi, tal como ele, um Verão passar as férias à Figueira. Ali teriam esses amores tomado um aspecto mais sério, e quando se viu na necessidade de partir antes da sua noiva, escreveu o «Adeus» que se encontra em «O Mundo Interior», cuja beleza só seria possível, dada a forte inspiração que lhe era transmitida pelo ardente amor que sentia pela sua querida Guilhermina.

«É forçoso partir e só Deus sabe  
Quanta amargura em tão cruel momento!  
Nem se imagina como em peito cabe,  
Com tanto amor, tamanho sofrimento!

Hei-de contá-lo aos céus de alheia terra,  
Hei-de dizê-lo à Lua, quando passe,  
No viso melancólico da serra  
Ansioso por beijar-te a nívea face.

E, quando à noite o céu todo estrelado  
No azul estenda o luminoso manto,  
Hei-de lembrar-me de outro céu doirado,  
O céu do teu olhar cheio de encanto.

Depois no rasto, que deixa, no espaço,  
Cada estrela cadente, em noite calma,  
Hei-de mandar-te num estreito abraço  
As saudades sem fim, que me vão na alma.

Quando eu andar mais triste, irei sentar-me  
No cume do alto cerro, ao fim do dia,  
Só para ver se, à força de enganar-me,  
Posso enganar a própria fantasia.

Mas que triste consolo! Adeus! Comigo  
Vai combatendo a sorte, que me cabe,  
As saudades, que levo, não tas digo;  
Pensar que n'alma vão, só Deus as sabe!»

Aos vinte e quatro anos de idade, realizava-se finalmente o seu sonho.

Na madrugada de um dos primeiros dias de Setembro daquele mesmo ano de 1868, na companhia de um reduzido número de amigos, quase a ocultas da família, o Dr. José Simões Dias esposou na Igreja da

Sé a sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Simões da Conceição, indo passar a lua de mel ao Buçaco, onde o poeta exclamaria, embebido no mais sentido êxtase amoroso:

«Bem hajas, meu tesoiro!  
Bem hajas, minha flor!  
Ó minha estrela d'oiro,  
Ó meu sonho d'amor.

Bem haja a luz celeste,  
Que os passos teus conduz,  
Arcanjo, que vieste  
Tomar a minha cruz!

Admitido como professor para Elvas, ali publicou uns «Estudos sobre a Literatura Espanhola Contemporânea», que alguns anos mais tarde haviam de ser ampliados e refundidos com o título de «Espanha Moderna». Esta obra trouxe-lhe grandes relações e amizades dos escritores espanhóis, que lhe traduziram os seus versos — versos populares, em que se cantam simultaneamente as belezas de Portugal e de Espanha — e faziam-lhe largas e elogiosas referências na Imprensa espanhola.

A gratidão do Governo espanhol foi ao ponto de galardoar Simões Dias com uma das melhores distinções daquele país — a Comenda de Isabel, a Católica —, que lhe fora entregue pelo então ministro Montero Rios, na sua casa em Elvas.

Mas Simões Dias, que não se preocupava com honrarias, na mesma altura que o Município de Elvas o louvava e lhe aumentava o ordenado, pedindo-lhe para que não saísse dali, resolveu vir fixar-se em Lisboa, como empregado na secretaria da Justiça, onde se não havia de chegar a demorar um ano.

Em Elvas não podia jamais voltar a ter alegria. Lá deixava para sempre, depois de poucos anos de casado, a sua encantada musa, que levava alegremente de Coimbra.

O amor dos poetas é elevado demais para ser feliz, e assim, o amoroso poeta, sofreu precocemente as amarguras da viuvez.

Em Lisboa relacionou-se com as mais representativas figuras das letras lisboetas, assistindo, por vezes, aos célebres saraus literários que, geralmente aos sábados, se costumavam realizar na residência do velho Mestre Castilho, onde se reunia a mais bela aristocracia de Lisboa para, juntamente com doces, licores e boa música, falar de letras, artes e ciências.

Entretanto, foi encarregado pelo Governo de ir para Viseu reger a

cadeira de oratória, poética e literatura, vindo a ser escolhido para secretário do liceu.

Pouco depois de ali chegar realizou o seu segundo casamento, do qual proveio sua filha, a sr.<sup>a</sup> D. Judite Alice de Meneses Simões Dias, que havia de ficar como sua única descendente. Em Viseu dedicou-se afanosamente ao trabalho e à política, que lhe não havia de deixar gratas recordações como, aliás, deixa a pouca gente que se mete nela. Escrevendo contos, romances e livros para as escolas, dirigiu o «Observador» e criou o «Distrito de Viseu».

Em 1879 foi eleito deputado às cortes, por Mangualde, estreando-se auspiciosamente como orador parlamentar, ao propor que fosse considerado de gala nacional o dia do tricentenário da morte de Camões, o que conseguiu. Fora Teófilo Braga que, tendo conhecimento de que o Governo proibira manifestações nas ruas acusando-as como manejos revolucionários, entregou um relatório a Simões Dias, com aquilo que pensava fazer, conseguindo o novel deputado tudo levar a bom fim.

Foi ainda deputado por Pombal e por Mértola, tendo-se revelado um orador de largos recursos, defendendo com grande interesse os princípios da instrução e da pedagogia.

Em princípios do ano de 1899 o poeta caiu gravemente doente.

Acompanhado pelo seu grande amigo visconde de Sanches de Frias, ia-lhe ainda procurando pelas suas «Peninsulares», que se encontravam no prelo, em 5.<sup>a</sup> edição, mas pouco depois entrava numa agonia lenta e bastante prolongada, que lhe fizera perder o uso da razão. Aproximava-se o momento derradeiro, e ele ouvia ainda a sua musa segredar-lhe ao ouvido:

«Vivi, se vida foi, sem Primavera,  
A sós com Deus e a lira;  
Amor, foi como se nunca o tivera;  
Todo o prazer, mentira!

Pouco antes do meio-dia de 3 de Março de 1899, com cinquenta e cinco anos de idade, Simões Dias exalava o último suspiro, clamando ainda, envolto no seu tormentoso delírio, pela filha de Apolo!

Nascera poeta e morrera poeta!

Tudo lhe fora adverso, até a natureza. Ele e todos os poetas que passam a vida a exaltar-lhe a beleza, deviam morrer em dias cheios de flores e de Sol de Primavera, que lhes perfumassem e iluminassem o caminho do sepulcro, muitas vezes, e simultaneamente, o caminho da libertação.

Quando no dia seguinte o seu corpo foi depositado em jazigo no cemitério dos Prazeres, caíam sobre a terra fortes bâtegas de água.

Os versos de Simões Dias foram assimilados pela alma popular, sendo cantados nas festas da aldeia, nos trabalhos dos campos e à noite nas «escapeladas». A «Folha de Viseu» escrevia em 1897:

— «Os seus versos, recitados por maternos lábios, embalaram-me o berço; decorei-os antes de os haver lido; compreendeu-os a minha alma antes que a minha razão avaliá-los pudesse.»

No «Cancioneiro de Músicas Populares», numa poesia de Simões Dias, há a seguinte observação: «Esta canção foi recolhida em Unhais da Serra onde, em 1870, e na Benfeita (pátria do autor, como sabemos), era cantada pelos cegos de quem a aprendeu o povo daquele e de outros lugares.»

Na verdade, quem é que não conhece «O Teu Lenço», «A Tua Roca», «Noite de Luar» e tantas outras canções que o povo canta, sem saber quem é o autor?

Mas as suas canções não se cantam só na nossa Beira; cantam-se em Espanha e nas mais distantes províncias de Portugal, como, por exemplo, no Algarve, onde já foram ouvidas.

Lisboa, 17 de Junho de 1954.